

Brasil garante US\$ 3 bilhões e Rhodes espera mais

Fritz Utzeri

Nova Iorque — O coordenador do comitê de assessoria que renegocia a dívida brasileira, o banqueiro William Rhodes, revelou no final da tarde de ontem que os bancos já conseguiram reunir 3 dos 6,5 bilhões de dólares em novos recursos necessários para que o Brasil feche suas contas até o final do ano e para o ano de 84.

O ritmo de chegada dos telex em que os bancos se comprometem a entrar na fase dois do projeto brasileiro aumentou bastante ontem, depois do anúncio da aprovação, pelo Congresso, do Decreto-Lei 2 065. Segundo Rhodes, que passou a manhã de ontem no Canadá e só chegou a Nova Iorque à tarde, os banqueiros esperam que o ritmo de adesões ao projeto brasileiro continue firme durante todo o dia e a tarde de hoje.

Os bancos do Texas

Segundo o banqueiro, todos os bancos do comitê de assessoria (são 14) já se comprometeram com o projeto brasilei-

ro. E, até o momento, o menor compromisso veio de um pequeno banco regional americano: 19 mil dólares. Amanhã é feriado bancário em Nova Iorque, mas os bancos vão continuar com um esquema montado para receber os telex ao longo do final de semana. Hoje é, teoricamente, o prazo final para que todos os bancos se comprometam com a fase dois do projeto brasileiro. Os coordenadores esperam que, até o dia 15, terça-feira, quando o diretor-geral do FMI, Jacques de Larosièere se reunirá com o comitê de assessoria, cerca de 90% dos novos recursos pedidos pelo Brasil já estejam garantidos.

Ontem, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, enviou telex a todos os bancos de Nova Iorque, avisando da aprovação da nova lei salarial. Na noite de terça-feira, os bancos alemães, que estavam relutantes quanto ao programa do Brasil, resolveram enviar telex afirmando que confirmavam a sua participação no pacote. Os bancos regionais

americanos — segundo algumas fontes — ainda parecem divididos: alguns pequenos estão aderindo ao programa sob o argumento de que “não temos escolha”, mas outros maiores, como os do Texas, defendem uma solução a longo prazo, incluindo uma redução dos juros do serviço da dívida, algo em torno de 1% a 1,5%, “o que permitiria ao Brasil respirar e recuperar a sua economia”.

A proposta teria sido feita numa reunião sexta-feira, no Texas, sem apoio dos bancos de Nova Iorque. Até o meio da semana passada, ainda não tinha havido muita pressão dos bancos coordenadores sobre os pequenos (ao contrário do que ocorreu na negociação do ano passado). Mas, a partir da aprovação do Decreto 2 065 e do pouco tempo que resta para o final da negociação, um banqueiro afirmou que “agora deve estar havendo um bocado de queda de braço” entre os grandes bancos e os regionais, ou os bancos de outros países que ainda não aderiram ao projeto brasileiro.